

Ensaio

## A ONIPRESENÇA DO RISCO: breves provocações teórico-analíticas

*Francisco Vieira da SILVA<sup>106</sup>  
Geilson Fernandes de OLIVEIRA<sup>107</sup>*

*Somente a pessoa que corre riscos é livre!*  
(Sêneca)

*Vamos remar contra a corrente  
Desafinar do coro dos contentes*  
(Engenheiros do Hawaii)

**RESUMO:** Neste ensaio, discutimos, a partir da perspectiva teórica defendida por Foucault, a respeito do poder, saber e do governo de si e dos outros, bem como do breve exame de algumas materialidades discursivas que circularam na mídia digital (três notícias), o modo através do qual o discurso pautado no paradigma do risco, agencia determinados sentidos acerca das formas por meio das quais os sujeitos são levados a constituir-se enquanto subjetividades vigilantes e precavidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Risco. Subjetividade. Discurso.

**ABSTRACT:** In this paper, we discuss, from the theoretical perspective defended by Foucault, about the power, knowledge and government of self and others, as well as the brief survey of some discursive materiality that circulated in digital media (three stories) the way in which the discourse based on the risk paradigm agency certain way about the ways in which subjects are to be constituted as subjectivities vigilant and cautious.

**KEYWORDS:** Risk. Subjectivity. Discourse.

---

<sup>106</sup> Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Contato eletrônico: [franciscovieirariacho@hotmail.com](mailto:franciscovieirariacho@hotmail.com).

<sup>107</sup> Mestre em Ciências Sociais e Humanas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Contato eletrônico: [geilson\\_fernandes@hotmail.com](mailto:geilson_fernandes@hotmail.com).

Na atualidade, a palavra risco ocupa uma posição central. Em diferentes campos, da medicina/epidemiologia à engenharia civil, calcula-se o risco, cogitam-se as probabilidades, consideram-se os índices e os níveis, num momento em que é necessário tomar medidas preventivas, no que tange à necessidade de elidir acidentes e mortes, bem como toda sorte de infortúnios que podem advir desse descontrole. Assim, conforme sublinham Castiel, Guilham e Ferreira (2010), as pessoas, em suas vidas particulares, incorporaram de alguma forma, a ideia do risco, pois, vive-se numa sociedade marcada sobremaneira por uma indústria de determinação/avaliação dos riscos. A produção científica cada vez mais, de acordo com o que pontuam os autores anteriormente citados, está preocupada em apontar alternativas para lidar com a administração dos riscos (BAUMAN, 2009), numa sociedade que aninha o sentimento de uma catástrofe iminente.

Tomando essa constatação como ponto de partida, o propósito deste texto consiste em discutir, a partir da perspectiva teórica defendida por Foucault, a respeito do poder, saber e do governo de si e dos outros, bem como do breve exame de algumas materialidades discursivas que circularam na mídia digital (três notícias), o modo através do qual esse discurso, pautado no paradigma do risco, agencia determinados sentidos acerca das formas por meio das quais os sujeitos são levados a constituir-se enquanto subjetividades vigilantes e precavidas. Trata-se de provocações ainda de cunho inicial, na medida em que nos propomos a pensar essa questão de maneira mais profícua, em investigações futuras. São, antes, esboços, corporificados em tateamentos um tanto incipientes, mas, nem por isso, menos relevantes ou deslocados da necessária junção entre teoria e análise, no processo de construção de um objeto de estudo.

As investigações encetadas por Michel Foucault mostram-se, portanto, prodigiosas no embasamento das mais variadas pesquisas, conforme revela a produtividade dos inúmeros estudos empreendidos em campos variados do saber. Elencá-los, nos limites deste ensaio, seria descabido, na medida em que sequer podemos cogitar precisamente quantas abordagens foram realizados sob essa perspectiva, ou ainda a partir dos contatos teóricos de Foucault com outros autores. O fato é que uma simples busca na *web* é o suficiente para se constatar a proficuidade do pensamento foucaultiano, refletido no número de revistas científicas cujas edições tematizam as reflexões desse autor, bem como na quantidade expressiva de teses, dissertações e artigos com foco em tal perspectiva, além da miríade de eventos realizados nas mais

variadas instituições do país (cf. PIOVEZANI, CURCINO & SARGENTINI, 2014), em que se discutem as contribuições do pensador em diferentes campos do saber. Numa lúcida metáfora, De Certeau (2011) concebe o trabalho de Foucault como um cavalo de Tróia, uma vez que a obra do autor clama por dispositivos de análise, que podem até se voltar contra o próprio autor. Não sem sentido, Foucault se autodenominou como um experimentador, na medida em que suas reflexões sempre se dispuseram a uma certa refacção, cuja mobilidade não faz engessar a vivacidade das ideias do filósofo francês.

Foucault perseguiu, nos seus últimos escritos, a possibilidade de examinar as diversas formas que, nos redemoinhos da história, fazem com que os sujeitos prestem atenção sobre si mesmos, no intuito de lançarem um olhar sobre si, com vistas a modificarem-se. Tal processo é denominado por Foucault (1990) de *tecnologias do eu*. Essas tecnologias não estão divorciadas das relações de saber-poder, mas são intrinsecamente moldadas por forças exteriores que incidem sobre o sujeito, de modo a constituí-lo. No caso do paradigma do risco, conforme poderemos aferir, a partir da análise de algumas materialidades, essa questão das tecnologias do eu margeia-se com a adoção de posturas e condutas precavidas, as quais são mediadas em grande parte pelos discursos da mídia.

Na atualidade, a mídia pode ser considerada como uma das lentes pelas quais as pessoas passam a ter conhecimentos sobre os diversos acontecimentos cotidianos que a cercam e lhes são inerentes. Os mais diferentes meios (televisivo, radiofônico, virtual, etc.) ofertam a seus receptores uma gama incontável de notícias e informações que buscam dar conta dos fatos e acontecimentos, indo desde os corriqueiros aos mais raros, sob uma ótica particular fortemente marcada pelas relações de poder (dadas questões políticas e editoriais). A seu modo, buscam retratar a realidade, ao mesmo tempo em que a recriam e lhes dão esse efeito, empregando as estratégias realísticas apontadas por Barthes (2004) ao tratar sobre a constituição do efeito do real, a fim de garantir certa legitimidade, através de uma vontade de verdade (FOUCAULT, 2011).

Antes da análise propriamente dita, convém tecermos algumas considerações de natureza metodológica, mais especialmente ao processo de escolha das materialidades a serem estudadas. Nesse sentido, para a seleção do *corpus*, composto por três notícias que circularam na *web*, seguimos os seguintes critérios: i) as notícias deveriam tratar obrigatoriamente de temas relativos aos riscos atinentes à saúde, a fim de aproximarmos das reflexões foucaultianas a respeito do saber, poder e construção do

sujeito sob uma ótica biopolítica e para, na dispersão enunciativa em torno do risco, evidenciarmos uma regularidade, demarcada pela repetição; i) notícias deveriam ter sido nos últimos cinco anos, pelos menos, com vistas a não tomarmos um recorte temporal de longa duração, o que poderia demandar uma reflexão diacrônica mais acurada, inapreensível para os limites deste texto.

Tal busca pode ser identificada, na notícia intitulada *Obesidade eleva em até 40% risco de sete tipos de câncer em mulheres* (BBC Brasil, 17/03/15), sendo possível flagrar o funcionamento de um discurso que aponta uma vontade de verdade em torno da necessidade de tomar medidas preventivas, através da larga adesão à alimentação saudável e aos exercícios físicos, com vistas a se livrar dos riscos advindos da obesidade. Nesse sentido, a notícia enfatiza, com base no discurso de uma nutricionista: “Mudanças no estilo de vida, como parar de fumar, manter um peso saudável, ter uma dieta saudável e diminuir o consumo de álcool são grandes oportunidades para reduzir o risco de desenvolver a doença”<sup>108</sup>. Com efeito, o risco ocupa um lugar privilegiado nas tentativas de descrever e decifrar as complexidades inerentes a nossa época e à construção de identidades (CASTIEL, SANZ-VALERO & VASCONCELLOS-SILVA, 2011). O saber médico, por seu turno, exerce uma função primordial na criação de condutas, práticas e comportamentos prescritivos no que tange à manutenção da saúde.

Amparando-nos nas concepções foucaultianas relativas às condições de possibilidades dadas para a emergência de alguns discursos e não outros, torna-se válido salientar que o conceito de risco é nômade, concebido numa perspectiva histórica. Com efeito, os seus sentidos já orientaram e ainda orientam hoje diversas práticas, todavia, inscritas em condições históricas distintas. Na atualidade, momento marcado por discussões relativas ao tempo em que estamos vivendo (GIDDENS, 1991), de transformações no que remete ao sujeito e ao seu descentramento tanto em relação ao meio em que vive quanto de si mesmo (HALL, 2005), o risco aparece como a indicação de mais uma das suscetibilidades inerentes aos sujeitos e, por consequência, o seu cuidado como uma possibilidade de se ter um tipo de controle ou planejamento sobre o futuro, mesmo diante de uma miríade de incertezas. Inscritos justamente no limiar dessas mudanças, podemos apenas fornecer possibilidades de leituras firmadas em perspectivas comparativas entre o que já não somos mais e o que estamos em vias de ser. Desta feita, cabe apontar o papel da história, com suas séries e rupturas, bem como

---

<sup>108</sup> As notícias coletadas em diferentes sites da *web*, com exceção da última, sobre as quais lançamos um tratamento discursivo não são assinadas. Isso explica, portanto, a ausência de uma menção ao nome do autor.

com os objetos que carregam, nestas transformações e implicações nos sujeitos e em suas subjetividades.

O pressuposto do risco como uma forma de prevenção aos possíveis danos futuros parece ser nos tempos correntes o retorno ao sonho ou a vontade de se controlar os sofrimentos ou adversidades possíveis a partir da restrição dos prazeres do agora. Não à toa, esse discurso tem a sua emergência pontuada também pela passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle (DELEUZE, 1992), a qual tem como principal característica o controle contínuo e minucioso, além da comunicação instantânea.

O conceito de fator de risco, nesse sentido, propõe ao sujeito um valor moral e antecipa o arrependimento. Melhor dizendo, cabe ao sujeito agir e preservar-se no tempo presente, considerando os possíveis danos de uma vida desregrada para o futuro. Segundo Vaz (2010),

O conceito de fator de risco, em primeiro lugar, propõe um nexó probabilístico e um intervalo temporal longo entre exposição ao fator e aparecimento do sintoma, da contrapartida subjetiva de uma doença. Um fator de risco para uma determinada doença não é uma causa nem necessária nem suficiente; é, assim, o que amplia a probabilidade de seu surgimento. E, pelo intervalo longo, o indivíduo deve se preocupar com sua saúde mesmo sem experimentar nenhum mal-estar. De fato, o conceito de fator de risco faz dos indivíduos doentes virtuais ou quase doentes, recomendando, portanto, a modificação das práticas tendo em vista a redução das chances de adoecer (VAZ, 2010, p. 144).

De acordo com a perspectiva apontada pela ideia de fator de risco, considerando as conexões probabilísticas entre as ações cotidianas e a possibilidade da doença, o futuro é visto como calculável e passível de domínio por parte dos sujeitos. Ainda, conforme Vaz (2010), é como se houvesse uma relação entre crédito e dívida, isto é, caso o sujeito possua bons hábitos em relação à saúde, terá em contrapartida a esperança de não sofrer no futuro, e vice versa.

No processo de propagação e de disseminação do risco nas diversas instâncias da sociedade, todo o arsenal de conhecimentos médicos e especializados são postos em circulação. Vê-se, atualmente, o funcionamento de poderes precisos, no governo da população (FOUCAULT, 2008a), embasados em saberes responsáveis por engendrar um cuidado intermitente com a saúde, sob os gestos calculados do paradigma do risco. Assim, noutro texto (*Jovens também correm o risco de infarto*), publicado no site Coração Alerta, a fala de um médico, notoriamente conhecido do grande público, em virtude de suas frequentes aparições na mídia, acentua o cuidado a ser tomado: “Um

conselho do médico aos jovens é ‘ter disciplina e determinação para diminuir os fatores de risco e não deixar de avaliações médicas periódicas’”.

O título da notícia, a partir da materialidade significativa *também*, insere o grupo dos jovens na fatia dos que podem eventualmente serem acometidos por um infarto, de modo a suplantarem determinados dizeres, segundo os quais os casos de infarto estariam restritos a uma idade mais avançada. Com base nos riscos, oriundos de pesquisas científicas, os jovens devem ficar em alerta, em função dos fatores de risco enumerados no texto, quais sejam: “tabagismo, hipertensão arterial, alto índice de colesterol no sangue, sedentarismo, obesidade, ansiedade, estresse emocional, além do histórico familiar de problemas coronarianos”.

Ademais, através das materialidades discursivas em foco, percebem-se algumas implicações referentes à sociedade de controle, tendo em vista que nela a ideia de empresa substitui a noção de fábrica, no sentido de que o sujeito é visto como uma entidade empreendedora, capaz de formar-se e reformar-se continuamente, aspecto associado à noção mais ampla de que nesse tipo de sociedade, nunca se conclui nada, sendo o sujeito, portando, objeto de uma formação contínua e iniciada cada vez mais cedo (DELEUZE, 1992). Dessa forma, não é de se estranhar a recorrência de discursos que propagam a questão do risco em torno da possibilidade de doenças ao sujeito jovem, recomendando o cuidado e privações no presente em favor da maior possibilidade de uma vida sadia no futuro.

Nessa lógica, Díaz (2012) vai falar da auréola de “verdade” emanada da ciência. Ora, as pesquisas científicas, ao se inserirem no âmbito de um saber institucionalmente reconhecido, acabam por produzir determinadas formas de subjetivação. Nas palavras da autora: “[...] Ao comparar o que realmente somos (fazemos) com o que seria ideal (fazer) em nossas sociedades científicas, estamos regidos por suas verdades” (p.197).

Ao recorrerem a dados ou considerações colocadas como científicas, esses discursos agenciam relações de saber e poder (FOUCAULT, 2013), visando dar um sentido de autoridade para as informações veiculadas, considerando-se que o lugar de produção dos discursos científicos carregam consigo um efeito de verdade, algo “cientificamente comprovado”.

A oferta de orientações das mais diversas para conter as possibilidades do risco corrobora para as perspectivas de que a mídia e os seus discursos constituem uma das principais instâncias agenciadoras da subjetividade contemporânea, uma vez que

ofertam modelos, dicas, fórmulas para o bem viver. Nesse sentido, Gomes (2003) destaca a importância das mídias e do jornalismo como ponto estratégico na modelização da sociedade, “uma vez que são espaços por onde os discursos terão seu ponto máximo de difusão” (GOMES, 2003, p. 45). Não à toa, este aspecto é visualizado por Fisher (2006) como um dispositivo pedagógico. Segundo a autora, com os seus discursos, os dispositivos midiáticos indicam os modos por meio dos quais os sujeitos devem proceder e estar no mundo. Ao mesmo tempo, tais discursos vão sendo socialmente reproduzidos e reatualizados, comunicados por meio de “inúmeros especialistas de todos os campos do conhecimento” (FISCHER, 2006, p.50).

Com a emergência do risco e a multiplicidade de seus discursos, o nosso cotidiano é apreendido pela ciência, que legitima e é legitimada pela mídia. Com seus vieses pedagógicos, ambas, tanto a ciência quanto a mídia, tornam-se as responsáveis pela advertência da existência dos riscos, ao mesmo tempo em que propõem as formas possíveis de lidar com tais questões. Considerando essas discussões, Vaz (2012) afirma que há uma cientificização de nossas vidas e mortes. Para termos uma noção disso, segundo o autor mencionado “uma pesquisa mostra que 40% das chamadas de primeira página em jornais americanos dizem respeito à gestão do cotidiano tendo em vista os hábitos de vida e os riscos que corre” (VAZ, 2012, p. 199).

Frente a esses sintomas, em que se configura a doença (FOUCAULT, 2008b), instaura-se aquilo que Castiel, Sanz-Valero e Vasconcellos-Silva (2011) denominam de corpo risco, ou seja, o risco se constitui numa das matrizes que compõem a subjetividade que endossa os nossos corpos. A noção de fator de risco gera como corolário a sensação de que somos doentes em potencial, conforme nos lembra Sibilia (2002). Com efeito, de acordo com o que podemos observar no texto supracitado, a conjunção dos fatores de risco elencados podem representar a possibilidade, em maior ou menor grau, de se ter um infarto.

Na última materialidade coletada para análise (*Sexo oral desprotegido coloca você em risco de contrair DST, inclusive HIV, Folhateen, 29/11/2010*), é possível mais uma vez assinalar o funcionamento do paradigma do risco, a partir da interconexão com o saber médico-científico. A notícia em foco centra-se sobre os riscos advindos da prática do sexo oral sem proteção, principalmente entre a população jovem, conforme delata, inclusive, a seção do jornal em que aparece (*Folhateen*). Para tanto, a notícia menciona: “uma pesquisa realizada com universitários mostrou que 59,8% nunca

praticavam sexo sem camisinha para fazer sexo oral. Mais: 48,6% desses jovens nem sabiam dos riscos de contágio” (BERCITO, 2010, s.p.). Ao se apropriar desse saber estatístico, o sujeito que enuncia na notícia produz determinadas verdades a respeito dos riscos iminentes de se contrair algum tipo de doença venérea, incluindo o vírus HIV. Para combinar com essa forma de enunciar, a notícia exhibe, num gráfico, o risco relativo de transmissão de doenças no sexo oral, em duas situações possíveis: “para quem insere o pênis” e “para quem coloca a boca no pênis”. Em ambas as possibilidades, a notícia vai apontar os respectivos riscos, a depender do uso ou não do preservativo. A utilização de dados estatísticos, cifras e gráficos, para melhor explicar as questões referentes aos riscos de se contrair doenças sexualmente transmissíveis, evoca mais uma vez uma das principais características da sociedade de controle apontada por Deleuze (1992): a transformação dos sujeitos em números cifrados □ com maiores possibilidades de modulações, reformulações e, principalmente, controle. Amparados naquilo que Foucault (2007) vai designar de *scientia sexualis*, esse discursos irão determinar os modos por meio dos quais os sujeitos devem lidar com a sexualidade, numa perspectiva de cunho biopolítico e higiênico, com vistas a fazer com que os sujeitos atentem para os riscos que podem converter em doenças.

Além disso, tais discursos encetam o que Prado (2013) denomina de convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais, melhor dizendo, são práticas discursivas que agem no sentido de requisitar aos sujeitos a ação em torno de determinadas orientações enunciadas nos dispositivos da mídia. Tais convocações, é válido ressaltar, partem do princípio de uma necessidade de transformação de si. Assim sendo, a grande gama de enunciados relativos à temática do risco na contemporaneidade, convoca e agencia nos sujeitos novos modos de comportamento e cuidado, incitando outras formas de vida calcadas na prevenção como crédito para o futuro, conforme salienta Vaz (2010).

O risco, portanto, vai sustentar um governo de si (FOUCAULT, 2010), entendido como uma produção contínua de verdades sobre os indivíduos, de tal modo que estes efetuem determinadas operações sobre si mesmos, no intuito de encetar uma administração metódica de suas condutas. Conforme podemos aferir, mediante a brevíssima análise das notícias, esse governo de si encontra-se articulado a uma propensão relativa a um cuidado metódico com o corpo e a saúde, inscrito numa lógica que normaliza as práticas e as condutas dos sujeitos. Ao ser engendrado no cerne

de um saber científico, o risco goza de um prestígio que o insere numa posição a partir da qual o poder atua sobre o corpo dos sujeitos, produzindo comportamentos e subjetividades. Todavia, diante da heterogeneidade discursiva que atravessa essas discussões, é possível identificar a emergência de outros enunciados que colocam em questão o cuidado excessivo no que remete ao risco, sobretudo quando este cuidado incide sobre ações ou práticas de renúncia exagerada. De forma simultânea, emergem questionamentos do tipo “e por que não fazer?”, apontando formas de resistência e desvio às normas propagadas em relação ao cuidado. Entretanto, o aprofundamento deste debate transborda as questões inicialmente propostas para este ensaio, sendo, portanto, alvo para discussões futuras. À guisa de conclusão, em termos de hiperprevenção, ir contra os riscos assemelha-se a remar sem o precioso auxílio da corrente.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *Medo líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- BARTHES, R. O efeito de real. In.: *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BERCITO, D. Sexo oral desprotegido coloca você em risco de contrair DST, inclusive HIV, *Folhateen*, 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folhateen/837727-sexo-oral-desprotegido-coloca-voce-em-risco-de-contrair-dst-inclusive-hiv.shtml>>. Acesso em: 04. ago. 2010.
- CASTIEL, L. D. GUILLAN, M. C. R. ; FERREIRA, M. S. *Correndo o risco : uma introdução aos riscos em saúde*. Rio de Janeiro : Editora FIOCRUZ, 2010.
- \_\_\_\_\_. D. ; SANZ-VALERO, J. ; VASCONCELLOS-SILVA, P. R. *Das loucuras da razão ao sexo dos anjos : biopolítica, hiperprevenção, produtividade científica*. Rio de Janeiro : Editora FIOCRUZ, 2011.
- DELEUZE, G. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo : Ed. 34, 1992.
- DE CERTEU, M. Microtécnicas e discurso panóptico : um quiprocó. In : \_\_\_\_\_. *História e Psicanálise : entre ciência e ficção*. Belo Horizonte : Autêntica, 2011.
- DÍAZ, E. *A filosofia de Michel Foucault*. Trad. César Candioto. São Paulo : Editora UNESP, 2012.

ENGENHEIROS DO HAWAII. *Pose*. Disponível em : <http://letras.mus.br/engenheiros-do-hawaii/78505/>. Acesso em : 04. ago. 2015.

FISCHER, R. M. B. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FOUCAULT, M. *Tecnologías del yo e otros textos afines*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1990.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Graal Edições, 2007.

\_\_\_\_\_. *Segurança, território, população*; curso dado ao Collège de France (1977-1978). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da clínica*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b.

\_\_\_\_\_. *O governo de si e dos outros*: curso no Collège de France (1982-1983). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 26.ed. São Paulo: Graal, 2013.

GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora USP, 1991.

GOMES, M. R. *Poder no jornalismo: Discorrer, Disciplinar, Controlar*. – São Paulo: Hacker Editores, Edusp, 2003.

HALL, S.. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JOVENS TAMBÉM CORREM... *Coração Alerta*. Disponível em : <http://coracaoalerta.com.br/fique-alerta/jovens-tambem-correm-o-risco-de-infarto/>. Acesso em: 20. jul. 2015.

OBESIDADE ELEVA EM ATÉ 40%... *BBC Brasil*. Disponível em : [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150317\\_mulheres\\_obesidade\\_cancelar\\_fn](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150317_mulheres_obesidade_cancelar_fn). Acesso em: 22. jul. 2015.

PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. *Presenças de Foucault na Análise do Discurso*. São Carlos: EdUFSCAR, 2014.

PRADO, J. L. A. *Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais*. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2013.

SIBILIA, P. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

VAZ, P. A vida feliz das vítimas. In.: FREIRE FILHO, João. (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

VAZ, P. Corpo e risco. In.: VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred; KOSOVSKI, Ester. (Orgs.). *Que corpo é esse? Novas perspectivas*. 2. ed., Rio de Janeiro: Mauad, 2012.